

# Ressonância e graus de transitividade na conversação espontânea em português

*Maria Elizabeth Fonseca Saraiva*

Recebido 29, jun. 2006/Aprovado 20, ago. 2006

## **Resumo:**

*Este texto tem por objetivo examinar e quantificar o grau de transitividade (THOMPSON & HOPPER, 2001) de enunciados ressoantes, isto é: enunciados proferidos por interlocutores diferentes em que se estabelece uma relação de mapeamento tanto estrutural quanto lexical. A análise é norteada por princípios da abordagem funcionalista, em seu modelo norte-americano.*

**Palavras-chave:** *ressonância; transitividade; subjetividade.*

## 1 - A noção de ressonância

Neste ensaio, dou prosseguimento ao estudo das **ressonâncias** na conversação espontânea em português, iniciado em Saraiva (2005). Para desenvolvimento dessa análise, convém esclarecer que Du Bois (2001) propõe um novo modelo no tratamento da língua em uso, denominado por ele **Sintaxe Dialógica**. Considerando tal abordagem como um ramo da Sintaxe Conventional e não como um modelo alternativo, o lingüista enfatiza o papel dos enunciados em que se instaura a ressonância como o reflexo mais transparente do envolvimento estabelecido entre os interlocutores no calor da interação dialógica. Nos momentos de envolvimento intenso, os falantes constróem seus enunciados reutilizando recursos, como por exemplo os léxico-estruturais, que acabaram de ser usados por seus parceiros de diálogo. Nas palavras de Du Bois, estabelece-se uma relação de **mapeamento** entre o enunciado do primeiro falante, que funciona como **matriz**, e o do segundo, que o explora para efeitos de ressonância. Dessa forma, a **ressonância** é uma propriedade de enunciados produzidos por falantes diferentes em situação de interação dialógica. É um fenômeno pelo qual um falante explora padrões utilizados por seu interlocutor, para reutilizá-los em sua fala, fazendo emergir “afinidades” em diversas dimensões da forma e do significado. Tais “afinidades” são, portanto, ativadas em contexto, no uso real da língua.

A título de exemplificação, considerem-se os dados grifados a seguir:<sup>1</sup>

- (1) (L1 e L2 conversam sobre roupa)  
 L1 - mas será que combina?  
 eu acho que não né?  
 L2 - ah não... nada a ver...  
 L1 - nada a ver...
- (2) (L1 e L2 estão vendo fotos)  
 L1 - qual que ocê quer ver primeiro...  
 (...)²  
 vão vê das paisagens...  
 L2 - nó que lin::do né?  
 L1 - nossa ficou lin::do...  
 L2 - nossa essas andorinhas aí tão maravilhosas...

Em (1) e (2), observa-se que as recorrências destacadas evidenciam uma concordância entre os pontos-de-vista dos locutores. Porém as ressonâncias se prestam a inúmeras outras funções discursivas (discordância, retificação, ironia, humor, estabelecimento de contato etc.), como se pode verificar a seguir:<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Os dados deste trabalho foram extraídos de conversações espontâneas que fazem parte do banco de dados do GREF - Grupo de Estudos Funcionalistas da Linguagem (CNPq), por mim coordenado. As normas de transcrição seguiram as sugestões do Projeto NURC/SP (CASTILHO; PRETTI, 1986, p. 9-10). Os interlocutores são falantes do português do Brasil, de nível universitário completo, que apresentam alto grau de intimidade.

Nos exemplos, cada linha corresponde a uma unidade entonacional (UE). A divisão em UEs das conversações analisadas foi efetuada por Beatriz da Matta. Agradeço a Andressa Jorge Sarsur a colaboração no levantamento dos dados.

<sup>2</sup> Nos exemplos, adotou-se a convenção de usar para trechos que foram retirados por não serem relevantes para a ilustração.

<sup>3</sup> Para uma análise detalhada das funções discursivas das ressonâncias, consulte-se a dissertação de Beatriz da Matta, por mim orientada: *Ressonâncias léxico-estruturais na conversação espontânea em português* (FALE/UFMG, 2005).

- (3) (L1 e L2 estão vendo fotos)  
L1 - mostrou só a metade...  
e você descendo de *rappel heim*?  
morreu de medo...  
L2 - morri nada...
- (4) (L2 e L2 conversam sobre feiras, exposições, etc.)  
L1 - agora eu tô querendo ir é na Casa Cor...  
L2 - ah eu não vou não...  
(Casa Cor eu não vou não...)  
L1 - ah::eu adoro ir...
- (5) (L2 e L2 conversam sobre festas)  
L1 - de quem é a festa?  
L2 - aniversá / aniversário de uma / um amigo da minha amiga...  
e aí ela me colocou lá na porta...  
L3 - te colocou lá na porta?  
cê vai ficar de porteiro hoje? ((rindo))  
L2 - não não... ela colocou o meu nome na porta...  
aí eu posso entrar...

Em (3) e (4), os mapeamentos são efetuados com a finalidade de salientar a divergência de opiniões. Já em (5), a ressonância de L3 é criada para manifestar humor.

Retomada a noção de ressonância, na próxima seção sintetizam-se alguns dos resultados de Saraiva (2005), que servirão de base para o prosseguimento desta pesquisa.

## 2 - Síntese dos resultados de Saraiva (2005) e propostas deste trabalho

É necessário salientar que, em Saraiva (2005), objetivou-se descrever os tipos de estrutura detectados nos conjuntos formados pela matriz e o enunciado ou enunciados que a ressoam, presentes num trecho de conversação espontânea do português do Brasil, assim como verificar o comportamento dessas unidades com referência à “Estrutura Argumental Preferida”, tal como formulada em Du Bois (2003). Para tanto, foi adotada a noção tradicional de construção intransitiva, transitiva (que inclui as bitransitivas), copulativa etc., que orientou a análise de Dubois.

A seguir apresento, de modo sintético, os resultados obtidos com referência aos tipos de construção, pois deverão servir de ponto de partida para o desenvolvimento da presente análise:

Tabela 1 – Resultados relativos aos tipos de construção das matrizes

Construções	%
A - Frases feitas	15
B - Com verbo <b>ser</b> impessoal	7
C - Copulativas	22
D - Com verbo <b>ter</b> impessoal	4
E - Intransitivas	15
F - Transitivas	37
Total	100

Tabela 2 – Resultados relativos aos tipos de construção dos enunciados ressoantes

Construções	%
A - Frases feitas	3
B - Com verbo <b>ser</b> impessoal	5
C - Copulativas	14
D - Com verbo <b>ter</b> impessoal	16
E - Intransitivas	18
F - Transitivas	44
Total	100

Uma primeira observação sobre as tabelas I e II refere-se ao fato de que, como é de se esperar, os mesmos tipos de construção obtidos nas matrizes se fizeram presentes nos enunciados ressoantes. Como ilustração, podem ser citadas as frases feitas, exemplificadas tanto em (1) como nos casos denominados *open idioms*<sup>4</sup> (expressões idiomáticas abertas), nos quais há uma variável a ser preenchida no contexto de uso. A expressão *Sabe x*, usada em português para introduzir novos referentes na fala, é um desses casos. O referente assim introduzido costuma ser retomado nos enunciados subseqüentes, tornando-se tópico da conversação. Observe-se:

- (6) (Conversa sobre restaurantes)
- L1 - e... sabe Graciliano?
- L2 - Graciliano não conheço...  
bom?
- L1 - é... médio...  
os doces são excelentes...  
bom demais...

Contudo, para os próximos passos da pesquisa a serem relatados à frente, o mais relevante é a conclusão, inicialmente obtida com base nas tabelas I e II, de um predomínio das estruturas tradicionalmente consideradas transitivas tanto nas matrizes (37%) quanto nos enunciados ressoantes (44%).

Em contraponto a essa conclusão, há a possibilidade de um outro olhar sobre os resultados: computando o número de argumentos nucleares disponíveis para a ocupação de participantes do discurso, verifica-se que, em **C**, **D** e **E**, há apenas um

<sup>4</sup> Cf. THOMPSON; HOPPER (2001).

argumento nessa situação, diferente de **F**, que apresenta dois ou mais.<sup>5</sup> Isso significa que, nas matrizes, 41% das estruturas portam apenas um argumento nuclear, em contraste com 37% das estruturas com dois ou mais argumentos. Nos enunciados ressoantes também há o predomínio de construções com uma só posição argumental: 48%, em confronto com 44% de estruturas com duas ou mais posições argumentais nucleares.

A partir dessa perspectiva, neste texto, objetiva-se retomar conjuntos de enunciados em que se instaura a **ressonância** para analisá-los com base em outra concepção: os parâmetros de transitividade propostos por Hopper & Thompson (1980).

### 3 - Graus de transitividade dos enunciados ressoantes

Como se sabe, Hopper & Thompson (1980) consideram a noção de transitividade sob um prisma diferente, como uma propriedade da oração na sua totalidade, focalizando traços referentes tanto ao verbo quanto a seus argumentos. Conforme a presença ou ausência desses traços, as estruturas instanciadas em enunciados efetivamente produzidos são classificadas como mais ou menos transitivas, distribuindo-se em diferentes pontos de um *continuum*, de uma escala de transitividade.

Tendo em vista que o texto *Transitivity in grammar and discourse*, no qual essa concepção é detalhada, já se tornou um clássico na literatura funcionalista, no momento vou me ater à apresentação do quadro abaixo, no qual são apresentadas as propriedades relevantes para a análise, sem me preocupar com sua explicação.

Quadro 1 - Parâmetros de transitividade

	Oração mais transitiva	Menos transitiva
a) Participantes	dois ou mais participantes	um participante
b) Agentividade	mais agente	menos agente
c) Volição	mais volitivo	menos volitivo
d) Cinese	ação	não-ação
e) Aspecto	perfectivo	não-perfectivo
f) Pontualidade	pontual	não-pontual
g) Afirmação	afirmativo	não-afirmativo
h) Modalidade	<i>realis</i>	<i>irrealis</i>
i) Afetação do objeto	objeto totalmente afetado	objeto não-afetado
j) Individuação do objeto	objeto mais individualizado	objeto não-individualizado

Fonte: HOPPER, P.; THOMPSON, S. (1980, p. 252 – com adaptação na ordem dos traços e tradução de minha responsabilidade)

Merece destaque, nessa abordagem, o fato de que a presença ou ausência de um segundo participante, como o objeto direto, é apenas um dos traços considerados dentre os *dez* que compõem a noção de *estrutura transitiva típica*. Sendo assim, em princípio, é possível encontrar-se, no discurso real, estrutura sem objeto que, embora não seja prototípica, deva ser alocada na

<sup>5</sup> Os casos de dois argumentos nucleares são os das estruturas bitransitivas, as quais foram catalogadas junto com as transitivas diretas e as transitivas indiretas da tradição gramatical.

escala dentre as portadoras de alto grau de transitividade, isto é, aquelas com *seis* ou *mais* traços positivos. A frase “Ele saiu cedo”, por exemplo, seria uma dessas orações, apresentando *sete* marcas positivas. Apenas os traços *a*, *i* e *j* não se aplicam nesse caso.

Por outro lado, em “Ele tem uma casa de campo muito espaçosa”, a presença de um objeto representado por entidade bem individualizada não garante alto grau de transitividade para a estrutura, de acordo com os parâmetros do Quadro I. Essa oração ganha marcas negativas para as propriedades *b*, *c*, *d*, *e*, *f* e *i*, totalizando, pois, apenas *quatro* traços positivos. Assim, coloca-se dentre as de baixa transitividade no *continuum* mencionado.

Considerando a concepção acima e os percentuais de ocorrência de construções com um só argumento, observados nas tabelas I e II, surgiu a questão dos graus de transitividade dos conjuntos formados pelas matrizes e enunciados ressoantes, conforme anteriormente asseverado.

Na busca de resposta para essa indagação, examinou-se um trecho de conversação espontânea em que foram detectadas 169 unidades entonacionais (UEs) ressoantes.<sup>6</sup> Como existem UEs não-oracionais, assim como há UEs que englobam mais de uma oração, fez-se necessário identificar e quantificar as orações daquelas UEs. Foram identificadas 203 orações, que passaram a ser analisadas com base nas propriedades do Quadro I. Deve-se esclarecer, no entanto, que foram excluídas dessa contagem as expressões idiomáticas (de sentido metafórico). Porém as frases feitas com posições abertas (*open idioms*), como a exemplificada em (6), foram computadas.

A seguir, explicitam-se outras decisões metodológicas tomadas na condução da análise. Um primeiro passo consistiu em separar as orações com *um* (ou menos de um<sup>7</sup>) participante daquelas com *dois* ou *mais*, de acordo com a proposta de Thompson & Hopper (2001). Os dois casos vêm ilustrados, respectivamente, em (7) e (8):

- (7) (L1 avalia a possibilidade de levar o filho pequeno durante uma viagem de curta duração)

L1 - mas eu vou ficar esgotada né?

L2 -. vai..

- (8) (L1 e L2 conversam sobre a construção de uma casa)

L1 - ah:.... ela tá fazendo uma casa lá?

L2 - B. tá fazendo uma casa lá... tá...

Com base nos argumentos apresentados em Saraiva (2001), os objetos não-referenciais, dentre os quais se situam os objetos incorporados, não foram contabilizados como um segundo participante. A mesma decisão foi estendida, ainda, aos objetos oracionais com relação à sentença na qual se encaixam. Embora tais objetos tenham sido considerados na contagem e análise

<sup>6</sup> A partir deste momento, sempre que fizer referência a enunciados ressoantes, estarei fazendo menção aos conjuntos constituídos pela matriz e sua(s) ressonância(s), uma vez que, para esta pesquisa, são esses conjuntos que interessam.

<sup>7</sup> Os dados com menos de um participante, no *corpus*, são ilustrados pelo verbo *ter* impessoal acompanhado de SN não-referencial (de acordo com a aceção de GIVÓN, 1984, p. 389-390).

das orações, não foram levados em conta como um segundo participante da oração que os domina.<sup>8</sup> Ambos os casos são exemplificados, respectivamente, em (9) e (10) abaixo:

- (9) (Comentários sobre uma moça empenhada em seu trabalho)  
 L1 - eu já vi ela vendendo biquíni também né?...  
 L2 - é... ela vende tudo...  
 L1 - ela é muito esforçada...  
 L2 - muito esforçada...
- (10) (Observações sobre uma criança com ciúme da irmãzinha)  
 L1 - e ele só quer ficar no colo?  
 L2 - só quer ficar no colo...  
 (...)  
 ele vê a Amanda no colo...  
aí quer ficar no colo..

Adotados os critérios mencionados, procedeu-se à quantificação das orações com um (ou menos de um) participante e as com dois ou mais, obtendo-se estes resultados:

- (11) a) Orações com um participante (ou menos de um): 162, ou seja, 79,8%.  
 b) Orações com dois ou mais participantes: 41, ou seja, 20,2%.

A etapa seguinte consistiu na análise das orações de cada um dos grupos de (11) com referência também aos demais traços do Quadro I. As construções de (11)a) apresentaram o perfil registrado na Tabela III:

Tabela 3 - Orações com um (ou menos de um) participante

Traços de alta transitividade	Número de orações	Porcentagem (%)
sete	0	0,0
seis	9	5,6
cinco	15	9,2
quatro	9	5,6
três	20	12,3
dois	64	39,5
um	17	10,5
zero	28	17,3
Total	162	100,0

As orações com um participante, embora não possam ser prototípicas, em princípio podem acumular até sete traços positivos de transitividade, conforme salientado anteriormente. Todavia, dos 162 casos da Tabela III, nenhum atingiu esse número. Em III, observa-se, ainda, que apenas 9 estruturas obtiveram seis traços positivos, ou seja, somente 5,6% das orações podem ser caracterizadas como construções portando alto grau de tran-

<sup>8</sup> Cf. THOMPSON; HOPPER (2001) para as razões desta decisão.

sitividade. Os demais 94,4% distribuem-se nos diferentes pontos da escala que são considerados de baixa transitividade. Mais ainda: 67,2% situam-se nos extremos de baixa transitividade, isto é, apresentam dois ou menos de dois traços positivos.

O exame das 41 construções com dois participantes (ou mais) revelou a seguinte composição dos parâmetros do Quadro I:

*Tabela IV - Orações com dois (ou mais) participantes*

Traços de alta transitividade	Número de orações	Porcentagem (%)
dez	5	12,2
nove	0	0,0
oito	6	14,6
sete	2	4,9
seis	11	26,8
cinco	3	7,3
quatro	7	17,1
três	3	7,3
dois	4	9,8
um	0	0,0
Total	41	100,0

Na Tabela IV, verifica-se que apenas 12,2% dos dados analisados se caracterizam como estruturas transitivas prototípicas, ou seja, apresentam marcas positivas para os dez parâmetros considerados. Outros 46,3% também se alocam em posições de alta transitividade (de seis a nove propriedades positivas). Finalmente, 41,5% se distribuem, na escala, nos pontos de baixa transitividade.

Considerando as 203 orações analisadas, obtêm-se estes percentuais:

- (12) a) Orações revelando baixa transitividade: 83,7% (170 orações).
- b) Orações com alta transitividade: 16,3% (33 orações).

Essas diferenças são significativas e nos apontam uma **forte tendência dos enunciados ressoantes**: a tendência a portarem baixo grau de transitividade.

#### 4 - Conclusão

Refletindo sobre os resultados desta pesquisa, surgem considerações que se relacionam também com outros trabalhos. Assim, em Da Matta (2005), demonstrou-se que as ressonâncias léxico-estruturais em diálogos espontâneos do português apresentam uma frequência geral de 24,5%. Considerando a noção de marcação explorada por Givón (1995, p. 64-65), pode-se afirmar que esse percentual revela que os conjuntos de enunciados ressoantes ocupam uma posição de **figura** sob o pano de **fundo** daqueles mais freqüentes, ou seja, não ressoantes. Nas palavras

de Givón (1995, p. 64), “salient experience is clearly the less frequent **figure**, standing out on the more frequent **ground**.”

Esse caráter dos enunciados ressoantes, marcado em termos de frequência, se apresenta em sintonia com sua caracterização formal e comunicativa: o mapeamento de padrões e estruturas efetuado em tais enunciados, e que lhes confere proeminência discursiva, é um índice iconicamente motivado dos momentos de maior envolvimento entre os interlocutores.

Diante disso, pergunta-se: o que motiva o resultado de um predomínio maciço de construções menos transitivas nesses enunciados, conforme se lê em (12) e a tendência captada explícita? Uma possível explicação para o fato pode ser aventada com base em Thompson & Hopper (2001): os recursos gramaticais explorados pelos falantes nesses casos são um reflexo do que estão fazendo quando conversam com amigos e conhecidos. Nos termos desses lingüistas, isso é um reflexo da **subjetividade** no uso diário da língua. Nesse contexto sócio-cultural, parece que os interlocutores estão mais interessados em revelar seus pontos-de-vista, seus valores, como descrevem e avaliam situações, pessoas, comportamentos etc. Enfim, na conversação espontânea em geral e, de um modo especial, nos momentos em que a **ressonância** se estabelece, enquanto interlocutores, nossa preocupação central se volta “to display our identities, convey who we are to others, express our feelings and attitudes, and check our views of the world with our community-mates” (THOMPSON; HOPPER, 2001, p. 53).

Essa perspectiva deverá nortear minhas próximas investigações sobre a tendência dos enunciados ressoantes a portarem baixo grau de transitividade, conforme registrado neste ensaio.

#### **Abstract**

*This paper aims at examining and quantifying the degree of transitivity (Thompson & Hopper (2001)'s concept) of resonant utterances, that is, utterances produced by different speakers between which is established a mapping relation, both structural and lexical. The analyses is guided by principles from the North American Functionalism.*

*Keywords: resonance; transitivity; subjectivity.*

## Referências

- CASTILHO, Ataliba T. de; PRETTI, Dino (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. v. 1. São Paulo: T. A. Queiroz, 1986.
- DA MATTA, Beatriz A. *Ressonâncias léxico-estruturais na conversação espontânea em português*. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – FALE, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- DU BOIS, John W. Discourse and grammar. In: TOMASELLO, Michael (Ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. Mahwah, New Jersey/London: Laurence Erlbaum Associates Publishers, 2003. v. 2.
- \_\_\_\_\_. *Towards a dialogic syntax*. Santa Barbara: LSA, 2001. Manuscrito.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1984.
- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, [S.l.], v. 56, n. 2, 1980.
- SARAIVA, Maria Elizabeth F. Estrutura argumental preferida em enunciados ressoantes. In: SARAIVA, Maria Elizabeth F.; MARINHO, Janice H. C. *Estudos da língua em uso: relações inter e intra-sentenciais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.
- \_\_\_\_\_. Iconicidade e a distribuição do objeto incorporado no discurso narrativo oral do português. In: DECAT, Maria Beatriz N. et al. *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.
- THOMPSON, Sandra; HOPPER, Paul. Transitivity, clause structure and argument structure: evidence from conversation. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul (Ed.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.